

P E D R O C A R D O S O

O LIVRO DOS TÍTULOS

1ª edição



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2017

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Cardoso, Pedro

C266L O livro dos títulos / Pedro Cardoso. – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2017.

ISBN 978-85-01-11213-2

1. Romance brasileiro. I. Título.

17-44386

CDD: 869.93

CDU: 821.134.3(81)-3

Copyright © Pedro Cardoso, 2017

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, armazenamento ou transmissão de partes deste livro, através de quaisquer meios, sem prévia autorização por escrito.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos desta edição reservados pela
EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000.

Impresso no Brasil

ISBN 978-85-01-11213-2

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se em www.record.com.br e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.



Para Mabel, Nina, Maria e Luiza

*How can I tell you
That I love you,
I love you
But I can't think of right words to say*

*I long to tell you
That I'm always thinking of you...
I'm always thinking of you,
But my words just blow away.*

Yusuf Islam, anteriormente Cat Stevens,
em "How Can I Tell You"

*Como era bom
o tempo em que marx explicava o mundo
tudo era luta de classes
como era simples
o tempo em que freud explicava
que Édipo tudo explicava
tudo era clarinho limpinho explicadinho
tudo muito mais asséptico
do que era quando eu nasci
hoje rodado sambado pirado
descobri que é preciso
aprender a nascer todo dia*

Chacal

I

Eu nunca gostei de ler, mas sempre gostei de livros. Quando era jovem, e cria que toda a gente prestava atenção em mim o tempo todo, eu carregava sempre um livro comigo e fingia ler. Eu acreditava que, sendo um grande leitor, ninguém jamais sentiria pena de mim por eu estar constantemente sozinho. O livro me protegia da piedade dos outros.

Quando digo que fingia ler, não é que eu o fizesse deliberadamente. Eu bem que tentava, mas nunca consegui engrenar na leitura. Eu abria o livro cheio de entusiasmo, ansioso por conhecer a razão do título, mas a minha atenção se dissipava antes do fim da primeira página. Eu lia sem ler. *O Picapau Amarelo*, de Monteiro Lobato, *Dôra*, *Doralina*, de Rachel de Queiroz, *Menino de engenho*, de José Lins do Rego... Meus olhos percorriam as letras, mas eu boiava sobre as palavras sem nunca me afundar na estória, qualquer que ela fosse.

A cantilena da leitura me conduzia inexoravelmente a uma sonolência branda que apagava paulatinamente a presença do mundo ao meu redor. Aprisionado na oscilante fronteira entre o sono e a vigília, a minha mente se embebedava com assuntos diversos aos do texto e eu, do livro, logo já nada sabia. Ainda que digam de mim que eu tenho uma memória prodigiosa, e de fato eu guardo tudo o que me acontece, dos livros por onde meus olhos passaram, nada me ficou. Ou, se ficou, escondeu-se. *Primeiras estórias*, de João Guimarães Rosa...

A leitura me projetava sempre nesse lugar sem tempo, onde os meus pensamentos corriam ao meu lado como um rio de planície cuja suave

trajetória me dava gosto maguear. *Capitães da areia*, de Jorge Amado, *S. Bernardo*, de Graciliano Ramos... Era como uma droga; um entorpecente que me livrava do desconforto de estar sempre comigo mesmo. E só a leitura me propiciava esse alívio. Nem a música, nem o cinema, muito menos o silêncio... Nenhum desses indutores da introspecção tinha efeito sobre mim. Apenas a leitura era capaz de me alienar. E, caso ela fosse interrompida, o seu efeito alucinógeno cessava imediatamente. Era preciso estar lendo para não ler. A voz do pensamento delirante só se fazia ouvir quando apoiada na voz murmurante da leitura silenciosa. *Senhora*, de José de Alencar, *Helena*, de Machado de Assis...

Havia uma outra atividade que também apaziguava o meu espírito atormentado: jogar futebol de botão. Meu pai me apresentou a essa miniatura da realidade quando eu era tão pequeno que nem me lembro quando foi. Mas eu não gostava de jogar com ele; ele jogava desatento... Era evidente que ele estava pensando em outra coisa. Eu gostava de jogar sozinho. Eu batizava os botões com nomes de jogadores famosos de todos os tempos, escalava times galácticos e organizava um campeonato de pontos corridos. Eu manipulava as duas equipes, narrando as jogadas como um locutor de rádio; anotava os resultados, os artilheiros, as expulsões... Tinha até um tribunal esportivo para julgar os casos mais polêmicos. E, ao fim da temporada — que, muitas vezes, transcorria em um único dia —, eu consagrava um campeão. Era tranquilizador e animado. Jogando botão, o tempo passava sobre mim como uma ondulação do mar; sem estourar na minha cabeça. *Iracema*, de José de Alencar, *A Moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo, *O crime do padre Amaro*, de Eça de Queirós...

Um pouco mais velho, eu descobri que era capaz de não ler — por assim dizer — em outras línguas. Como toda a gente da minha escola, eu falava um quase nada de inglês, um pouco menos de francês, e o espanhol e o italiano que todo falante do português acredita que sabe. Lendo em língua estrangeira, eu decolava ainda mais rapidamente para o espaço do meu mundo interior; a pedrinha da minha atenção ricocheteava sobre a dissonância das palavras estranhamente semelhantes como se sobre um mar densamente salgado se rebatesse. *Crônica de*

una muerte anunciada, de Gabriel García Márquez, *Le grand Meaulnes*, de Alain-Fournier, *Brave New World*, de Aldous Huxley, *Il deserto dei Tartari*, de Dino Buzzati...

Nesses meus momentos de alheamento, eu sonhava com o meu Eu Rico. As casas, os carros, os iates, os cavalos, os relógios, as canetas, os isqueiros, as luvas... Todas as coisas de rico que eu teria! E a mulher, sempre uma só, que eu libertaria da tristeza e da opressão, arriscando a minha vida por ela. E eu seria também um rico magnânimo, bondoso para com os pobres e adorado por isso. Se o devaneio perdurava tempo suficiente, a minha vida sonhada chegava ao encontro erótico e eu usufruía de um sexo intenso, mas calmo, muito amoroso, embora viril. E logo inimigos vinham me ameaçar e o homem rico que eu era se via envolvido em lutas marciais ou duelos de florete. *Emmanuelle*, de Emmanuelle Arsan, *Histoire de l'oeil*, de Georges Bataille...

Eu nunca soube o quão longe a minha vida sonhada me levaria caso ela durasse para além desse roteiro sempre semelhante. A obrigação de passar a página já lida interrompia o fluxo da leitura e me despertava brevemente. Quando voltava a sucumbir à imaginação, eu buscava recuperar o fio da estória, mas ela então já era outra. Não tivesse que fazer o esforço do gesto e eu provavelmente ficaria suspenso sobre as palavras até que a fome, ou outra urgência qualquer, me forçasse de volta a uma realidade exterior ao livro sobre cuja falsa leitura o meu desvario se sustentava. *The martian chronicles*, de Ray Bradbury, *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert, *Voyage au centre de la Terre*, de Jules Verne...

Durante a juventude, eu ainda tive esperança de que leria um livro inteiro. Acordava determinado a fazê-lo, mas fracassava. A dança hipnótica das letras, os assuntos tão longe de mim e também a vontade de sumir dentro da minha fantasia me levavam embora na primeira curva de uma frase mais longa. Quando me tornei um jovem adulto, aceitei finalmente que eu jamais conseguiria ler um livro, que eu detestava fazer o esforço de me manter atento ao que estava escrito, que eu desejava mesmo era me entregar o mais rápido possível ao mundo dos meus pensamentos, para o qual eu escorregava embalado pelo mantra da leitura.

Com o passar do tempo, me tornei um dependente químico, com crise de abstinência e tudo. É difícil dizer em que momento o vício se enraizou dentro de mim. Desde que me lembro, eu lia o tempo todo. No ônibus, no banheiro, na banheira, até durante o recreio... *Le Petit Prince*, de Antoine de Saint-Exupéry, *Pau Brasil*, de Oswald de Andrade, *Foundation*, de Isaac Asimov... Até mesmo nas primeiras festinhas com música, eu pretendia estar tão interessado na leitura que não tinha vontade alguma de dançar ou conversar. E só Deus sabe o quanto eu desejava entregar o meu corpo ao ritmo, e quantas vezes, atento à falação dos meus colegas, eu disse em silêncio frases brilhantes cuja originalidade e ousadia os teria feito pasmar. *Le città invisibili*, de Italo Calvino...

Quando não havia ameaça iminente de alguém se dirigir a mim, eu costumava tirar os olhos do livro e vagava o olhar sobre o vazio, como se algo na leitura houvesse sido tão intenso que me forçara a uma pausa. Eu me imaginava, então, sendo observado de perfil, a um canto recolhido, o queixo apontado para cima, a expressão ausente e grave. Uma pessoa aprisionada em sua própria inteligência, eu acreditava parecer, e me julgava reconhecido. Quando terminei os estudos, os meus colegas de escola me tinham como um promissor intelectual. As minhas notas medíocres eram entendidas como uma excentricidade do meu gênio.

Na ausência absoluta de testemunhas, eu até que descansava de ter um livro aberto nas mãos e conseguia me entreter com as notícias que eu ouvia no rádio — televisão sempre me deixou confuso — ou desenhava abstrações. Eu sempre só desenhei coisa nenhuma. Mas, com a chegada da puberdade, meu incômodo comigo mesmo se intensificou. Mesmo sozinho no meu quarto, a presença da minha própria pessoa denunciava-se a si mesma e eu temia me surpreender na solidão. Passei a buscar o socorro de um livro para fugir à indiscrição da minha própria privacidade. *Grande sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa... A única atividade que sobreviveu ao fim da minha infância foi o futebol de botão; mais nada. Ah: e ouvir as notícias no rádio, também.

O meu amor pelo livro, o objeto, se intensificava à medida que eu aceitava a minha incapacidade de efetivamente ler, e reconhecia no livro

o portal para o meu alheamento. Como o alcoólatra, que ao comprar a garrafa já se tranquiliza, ter um livro comigo desacelerava as palpitações do meu coração. Livros eram o meu narguilé. *Blade runner: do androids dream of electric sheep?*, de Philip K. Dick, *A bolsa amarela*, de Lygia Bojunga, *A vida íntima de Laura*, de Clarice Lispector...

Como todo dependente químico, a minha vida passou a girar em torno do vício. Eu deixava de lanchar na escola para comprar livros com o dinheiro economizado. Aos 18 anos, fui trabalhar para sustentar a minha perdição. Aos 21, eu já era proprietário de uma razoável biblioteca, quase toda adquirida na livraria Al-Qabu Edições Brasileiras, que ficava na minha rua.

Eu morava numa pequena casa, num subúrbio perdido da cidade, meio parado no tempo porque nenhum progresso passou por ali. A maioria dos habitantes era de gente idosa que herdou a casa dos pais, ou até dos avós. A fábrica de tecidos, que funcionava onde depois se instalou o supermercado, mandou construir casas geminadas para abrigar os funcionários. A nossa foi comprada ao neto de um tecelão que foi condenado por furto e teve que vender o patrimônio para pagar o advogado.

A minha rua era tão sossegada que o ar nem ventava, mas tinha tudo: farmácia, botequim, padaria, mercearia, posto de saúde, dentista, creche, banca de jornal, cinema e a livraria! Tudo velho, mas funcionando. Parecia um milagre, a minha rua parada no tempo. *O papalagi: comentários de Tuiávii, chefe da tribo Tiavéa, nos mares do sul*, de Erich Scheurmann, tradução de Samuel Penna Aarão Reis.

Ah! E tinha também o hospício, que se chamava Casa de Saúde Mental Antonin Artaud. O serviço de excelência foi fundado pelo dono da fábrica de tecidos porque ele tinha um filho demente e o hospício mais perto era do outro lado da cidade. O nosso hospital tinha tanto prestígio que vinha alucinado de todo o bairro e até das regiões vizinhas. No grande jardim que se estendia à frente do alpendre da casa neocolonial, os pacientes passavam o dia separados da liberdade apenas por uma grade de ferro. E maluco é gente que gosta de se comunicar. Passavam o

dia inteiro mexendo com os transeuntes, fazendo amizades, xingando, cantando, contando piada... Uns pediam comida, outros queriam vender a roupa do corpo... Era divertido. Os malucos davam alguma vida ao nosso fim de mundo. *Rostrros ocultos*, de Salvador Dalí, *The hound of the Baskervilles*, de Sir Arthur Conan Doyle...

No fundo da livraria do seu Velhinho Livreiro, era assim que a gente chamava o dono da Al-Qabu, tinha um sebo. A minha biblioteca foi quase toda comprada lá. Livros novos custavam mais a me tirar da realidade do que livros usados; daí a minha predileção pelos últimos. E depois, como eu não lia de fato, me agradava a ideia de comprar um livro que já tivesse sido lido por alguém; assim ele não sentiria falta, por assim dizer, de ser apreciado como merecia.

Eu percorria as prateleiras empoeiradas, provando cada livro com a afetação de um enólogo; e escolhia os meus prediletos pela beleza do título em combinação com o nome do escritor e as características da edição. *Crônica da casa assassinada*, de Lúcio Cardoso, *A bíblia da humanidade*, de Antero de Quental, *The love of the last tycoon*, de F. Scott Fitzgerald, *Les misérables*, de Victor Hugo, *Las venas abiertas de América Latina*, de Eduardo Galeano... O caráter do título dava destinação precisa aos meus delírios de riqueza e amor. Devanear sustentado em *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, de Lima Barreto, não é a mesma coisa que fazê-lo sobre *Vidas secas*, de Graciliano Ramos; *Amar, verbo intransitivo*, de Mário de Andrade, não nos leva ao mesmo destino que *Il Gattopardo*, de Giuseppe Tomasi di Lampedusa.

Diferentes tipos de edição também influenciavam as minhas alucinações. Letras pequenas, apertadas umas contra as outras, produziam viagens com muitos percalços encadeados, aventuras de tirar o fôlego; já letras grandes, espalhadas confortavelmente sobre o papel, me levavam mansamente por paisagens românticas numa sucessão serena de acontecimentos. Letras com desenho sofisticado, ao estilo antigo, favoreciam regressos no tempo; letras retas e duras colocavam o meu Eu Rico em uma expedição interplanetária rumo ao Sol. Livros pesados carregavam o horizonte com nuvens plúmbeas, enquanto livros leves

ensolaravam os dias e convidavam a banhos de mar; os de capa dura ensinavam dramas e as brochuras induziam a comédias; livros finos: estórias curtas; livros grossos: longas epopeias.

Livros, muitos livros, fossem quais fossem, aconchegavam o meu mundo como bichos de pelúcia ao quarto de uma criança. *Memórias sentimentais de João Miramar*, de Oswald de Andrade...

Bem... O meu amor peculiar por livros que eu nunca li, e com os quais eu me droguei diariamente, não despertaria maior interesse não fosse pelo fato inusitado de eu ter me tornado um escritor. Escritor de uma única obra, é verdade; mas não menos escritor ou um escritor menor por conta da pouca produção. Ao contrário: o que confere autenticidade ao meu título é, justamente, a singularidade do produzido.

A determinação de dedicar horas do meu dia durante anos da minha vida a escrever o único livro que escrevi jamais teria se imposto a mim não houvesse eu me apaixonado por Constança; e não fosse ela, por profissão e diletantismo, uma leitora incansável.